

Pará

Paisagens de grandes proporções

ALTER DO CHÃO

A pouco mais de 30 km de Santarém, no Pará, a praia de Alter do Chão, no rio Tapajós, com águas azul-esverdeadas revela um banco de areia branca e macia

O Pará é um destino que aguça todos os sentidos com cenários, cores, aromas e ritmos estimulantes. Navegar por um rio que parece mar, remar na maior ilha fluviomarina do mundo, degustar os sabores da Amazônia, caminhar pela floresta e interagir com comunidades ribeirinhas são alguns dos prêmios para quem chega a um dos estados mais extremos do Brasil

Texto Camila Natalino Fróis e André Dib
Fotos André Dib



ILHA DO AMOR
A praia de rio considerada uma das 10 mais bonitas do Brasil pelo jornal britânico The Guardian, exibe uma incrível faixa de areia branquinha banhada pelas translúcidas águas do Rio Tapajós e por um lago verde; abaixo, garoto em comunidade ribeirinha visitada no Projeto Saúde e Alegria

Surpreendente. Talvez seja essa a palavra que melhor defina o potencial turístico do Pará, um estado de grandes dimensões, muita beleza, diversas praias, rica cultura e um povo que cativa pela simplicidade e alegria com que recebe seus turistas. O Rio Tapajós, as praias fluviais e a Floresta Amazônica são os principais atrativos na região, mas um bom roteiro por ali pode revelar sutilezas e encantos que vão além dos cenários cinematográficos.

Explorar essa face do extremo norte do País é se deparar com muita história, curiosidades, arte, natureza, cultura, sustentabilidade e, principalmente, muita vida vibrante por todos

os lados, nos rios, nas florestas, nos céus, no artesanato marajoara, nas comunidades indígenas, nas cidades, nas vilas, nas casas de palafitas ou nos barcos, tudo repleto de muitas cores, sons, sabores e semblantes marcantes.

Ao desembarcar em Santarém, cidade considerada destino referência de ecoturismo no Brasil pelo Ministério do Turismo, o primeiro contraste é com as altas temperaturas que devem causar algum desconforto a quem chega do sul e sudeste do País. Nada que um passeio à beira-mar, ou melhor, à beira-rio, e um refrescante açaí não resolvam. As dezenas de barcos atracados nos *piers* revelam uma realidade peculiar, de uma região prati-

camente sem boas estradas, onde o principal meio de transporte é pelos rios e igarapés. Além disso, as barulhentas e coloridas feiras livres, como a Feira do Peixe, ou as feiras de artesanato, aos poucos, vão revelando a alegre e tradicional cultura do norte do País.

O passeio de barco no entorno da cidade é obrigatório. Além de revelar os contornos das matas, que se debruçam sobre as águas, o roteiro propicia a vista para o espetáculo mais clássico da região: o encontro do Rio Tapajós, de águas cristalinas e quentes, com o Rio Amazonas, gelado e barrento. Para o deleite dos turistas, os rios correm separados por quilômetros, até superarem suas diferenças (de densidade e temperatura) e se misturarem amistosamente tornando-se um só. Enquanto isso acontece, os botos-cor-de-rosa completam o show com suas coreografias, bem no encontro dos rios. Isso porque, ali, os peixes ficam desorientados e tornam-se presas fáceis aos lendários mamíferos, símbolos da Amazônia.

A cidade de Santarém em si é uma cidade grande, de 350 anos, com casas antigas e os mesmos problemas e desafios urbanos de outras regiões do País, mas que surpreende os desavisados pela organização, “simpatia” e vocação para o turismo. Tal potencial é revelado em museus, no casario histórico, parques e praças limpas e arborizadas, mirantes, ótima gastronomia, divertidas feiras, programas culturais e personagens cheios de boas histórias pra contar.

Há algum tempo, havia relatos que ressaltavam muito lixo flutuando no rio e uma cidade suja e desorganizada, mas agora os cenários são bem diferentes: ruas limpas exibindo jovens correndo no calçadão da orla com a lindíssima paisagem do rio ao fundo, apresentações culturais ao ar livre e adolescentes usando internet sem fio, tranquilamente, nas belas praças da cidade.

PÉROLA DO TAPAJÓS

O roteiro mais cobiçado na região está a cerca de 30 km de Santarém, no chamado Caribe brasileiro. Trata-se da vila de Alter do Chão, que, na época da seca (de agosto a dezembro), exibe diversas praias de areia branca banhadas pelo translúcido Rio Tapajós. Com até 19 km de largura, ele se perde no horizonte, nos fazendo duvidar a todo tempo de que não estamos no litoral.

Se há abundância acima da superfície, ainda mais abaixo dela. Recentemente, um grupo de pesquisadores da Universidade Federal do Pará (UFPA) desenvolveu um estudo que aponta o Aquífero Alter do >>>



FOTO CAMILA FRÓIS



Chão como o de maior volume de água potável do mundo. A reserva subterrânea está localizada sob os estados do Amazonas, Pará e Amapá e tem volume de 86 mil km³ de água doce, mas os estudos continuam, pois a tese é que essa extensão é ainda maior do que o que já foi constatado.

Enquanto os pesquisadores estudam, os visitantes aproveitam o visual de Alter, especialmente na Ilha do Amor, uma convidativa faixa de areia branca que já foi apontada pelo jornal inglês “The Guardian”, como uma das 10 melhores praias brasileiras. Além do Rio Tapajós, a praia é banhada pelo Lago Verde, que proporciona um cenário deslumbrante, principalmente nos igarapés cristalinos, que podem ser alcançados por lanchas ou caiaques alugados na Ilha.

Há também a opção de fugir da badalação da Ilha do Amor rumo a praias menos populares, como a Ponta do Cururu, uma das mais belas da região, que também possui infraestrutura de barracas e banheiros, mas é mais tranquila e muito indicada para se contemplar o pôr do sol. Há ainda praias mais desertas na região, é só seguir a orla.

Outro bom passeio é até a Serra da Piroca, que pode ser alcançada em uma caminhada de cerca de uma hora e meia, a partir da Ilha do Amor. A subida final é exigente, mas curta. O visual lá de cima, espetacular: uma vista privilegiada da imensidão amazônica e do exuberante Rio Tapajós.

Para repor as energias da caminhada ou do mergulho nas águas mornas do Tapajós, a pedida é experimentar os deliciosos pratos à base de frutos do mar (ou seriam frutos do rio?), preparados nos quiosques de palha nas praias de Alter. Pirarucu, tambaqui, acari e tucunaré são algumas opções de pescados provenientes das águas doces da região, servidos fritos, cozidos ou assados. São comuns nos cardápios, peixes re-

cheados com banana e condimentos típicos, além do pirão ou o característico molho de tucupí, caldo feito a partir da fermentação do suco de mandioca. Outro prato tradicional é o tacacá, um caldo grosso preparado com tucupí, folhas de jambu, goma de tapioca, camarão, pimenta-de-cheiro e outros produtos regionais. Também não deixe de experimentar os sucos naturais das exóticas e deliciosas frutas da Amazônia.

TURISMO COMUNITÁRIO

Para quem está em busca de mais do que sossego, sombra e água fresca, o Polo de Tapajós é um convite a expedições ricas em experiências culturais, paisagens desconcertantes e vivências únicas em comunidades ribeirinhas, em roteiros que podem durar até 10 dias a bordo dos barcos do Projeto Saúde e Alegria.

Atuando há 25 anos na região, a ONG oferece atendimento médico e prevenção com treinamento de voluntários locais, por meio da criação de uma rede de agentes multiplicadores. Com atividades lúdicas e artísticas, o projeto tem a proposta de levar além de “saúde para o corpo, a alegria para a alma”.

Há cerca de cinco anos, o instituto tem investido também no ecoturismo como forma de incrementar a renda das comunidades e gerar valorização cultural. Para isso, promove encontros autênticos entre os visitantes e os povos ribeirinhos, suas culturas, suas tradições e seus modos simples de viver em harmonia com a natureza.

Depois de navegar por paisagens paradisíacas, os turistas chegam a comunidades isoladas pela distância de 4 a 12 horas de barco

GUARÁS-VERMELHOS
Com sua cor intensa, encantam os visitantes da Ilha de Marajó em belas revoadas



de Santarém. Na maioria das vezes sem luz ou água encanada, os moradores tiram seu sustento basicamente da pesca e do artesanato. Com o apoio do Saúde e Alegria e programas governamentais para a estruturação de roteiros de turismo comunitário, muitos moradores foram capacitados; alguns fizeram cursos em Santarém, estudam turismo, línguas e comercialização dos produtos.

Com sua pureza e alegria de bem receber, eles mostram com detalhes aos visitantes as belezas de sua comunidade, o modo como produzem o artesanato, trabalham com piscicultura e apicultura e como desenvolvem atividades econômicas que não impactam o ambiente onde vivem, em meio

à Floresta Amazônica. Em nossa visita, um dos responsáveis pelo projeto da criação de abelhas na comunidade Amã, explicava com entusiasmo como é retirado o mel, as suas propriedades medicinais e como é produzida a embalagem artesanal de palha para evitar o uso das sacolinhas plásticas, prejudiciais ao meio ambiente.

Depois de fazer trilhas naturais, remar e conhecer um pouco das tradições da cultura ribeirinha cabocla, remanescente de quilombolas e comunidades indígenas, na comunidade de Amã, os visitantes ainda são convidados a experimentar a piracaia (significa peixe na brasa na linguagem indígena). O peixe, foi servido em um jantar pra lá de especial, no meio da mata, em frente ao rio, sob a luz de tochas penduradas nas árvores. O saboroso peixe era assado com todo cuidado pelos jovens engajados no projeto turístico, que nos recebiam com uma alegria irradiante em seus semblantes. No final do jantar, nos conduziram pela trilha de volta ao barco. Uma experiência de muitos sentidos, reflexões e aprendizados, sobre diferenças de ritmos, valores e formas de interagir com o ambiente que nos cerca. >>>

DO ALTO DA SERRA DA PIROCA
Depois da subida de 1h30, é possível ter uma vista panorâmica de Alter do Chão e do Rio Tapajós





TURISMO COMUNITÁRIO
Acima, barco do Projeto Saúde e Alegria que propicia um roteiro pelas comunidades do Alto Tapajós; abaixo, pescador oferece peixes aos turistas do barco em Alter do Chão



PRAIA PONTA DE PEDRA
Entre Santarém e Alter do Chão, revela belos contornos e águas mornas em uma orla menos movimentada do que a Ilha do Amor



No barco do Saúde e Alegria, há cabines com camas e banheiros, mas vale muito a pena dormir na “varanda”, em ótimas redes, um perfeito camarote para o luar, ouvindo os sons da floresta. Sem perceber o movimento do barco, acordamos em frente a uma praia de rio deserta, cercados por botos dando seu show a nossa frente, logo nos primeiros raios do dia.

A CAPITAL BELÉM

Além do Polo de Tapajós, também é imperdível o roteiro da capital do estado. De San-

tarém para lá, é preciso pegar um avião ou seguir em uma longa viagem de barco.

A arquitetura forjada pela riqueza dos tempos áureos da borracha, ainda predomina. Antigos casarões ornamentam as ruas e avenidas da cidade, influência dos europeus que chegaram à capital paraense no início do século 20. Apesar dos ares cosmopolitas, as edificações do centro velho ainda evidenciam as formas da antiga Santa Maria de Belém do Grão Pará, como era denominada anteriormente. Com uma população de cerca de 1,5 milhão de habitantes, a re-

gião metropolitana ultrapassa os dois milhões, englobando cidades como Castanhal e Barcarena, entre outras. A capital paraense, também conhecida como a “Metrópole da Amazônia”, é a porta de entrada da Região Norte, seja pela localização, na foz do Rio Amazonas, ou por margear as principais malhas rodoviárias que ligam o Norte ao resto do País.

Quem passeia pelas ruas de Belém, logo nota as extensas avenidas e ruas sombreadas pelas mangueiras que tomam conta da cidade, o que torna mais agradável a caminhada sob o

calor implacável da Amazônia. A chuva dita o ritmo em Belém e as precipitações são constantes devido à influência direta da floresta.

Caminhar pela Cidade Velha, como é denominado o centro histórico, é mergulhar num passado de luxo e glamour pelo qual atravessou a capital, conhecida na época como “Paris N’América”; a capital paraense era a cidade mais desenvolvida do País, e uma das mais prósperas do mundo, nos seus momentos de plenitude. Por ali encontramos o complexo Félix Lusitânia, que engloba a »

MERCADO VER O PESO

O maior mercado a céu aberto da América Latina ainda é um dos pontos mais interessantes da capital. Em meio às embarcações e ao comércio de produtos da Amazônia, passado e presente se entremeiam, exprimindo toda a essência cultural do estado

Catedral Metropolitana, o Forte do Presépio, a Casa das Onze Janelas e o Complexo de Santo Alexandre, onde encontramos o Museu de Arte Sacra do Pará. A Basílica de Nazaré também é parada obrigatória a qualquer visitante que esteja de passagem por Belém, por onde passa a maior procissão católica do mundo, o Círio de Nazaré. Na Estação das Docas, encontramos manifestações artísticas contemporâneas, num espaço destinado ao lazer, à arte e gastronomia, onde é possível experimentar pratos típicos paraenses, como o tacacá, o pato no tucupí ou a maniçoba, uma espécie de feijoada feita a partir da folha da mandioca.

A forte influência indígena está presente nos pratos, na arte, nos costumes, nas palavras e nos traços marcantes do paraense, que exprime um indisfarçado orgulho de suas origens. Às margens da Baía de Guajará, o Mercado Ver o Peso, a maior feira ao ar livre da América Latina, leva o viajante ao maior cartão de visitas da cidade. Milhares de vendedores se espremem, oferecendo as mais diferentes especiarias. Peixes, frutas, ervas, temperos, artefatos de mandinga, perfumes, remédios e raízes para todos os fins. A fachada dos casarões coloniais perto das docas, o Mercado de Carne, a Praça do Relógio, a Ladeira do Castelo e o Mercado de Ferro, montado a partir de peças de ferro fundido no século 19, compõem um conjunto arquitetônico de rara beleza, tombado pelo IPHAN em 1997; em meio à simplicidade das barracas espalhadas pelas docas remontam ao apogeu da capital nos séculos passados. Ao nas-

cer do sol, as embarcações vão chegando, trazendo os mais variados produtos da Amazônia. Cores, aromas e pessoas fazem desse lugar apinhado e de cheiro forte, o símbolo da cultura local, onde passado e presente se entremeiam, exprimindo a essência cultural do estado.

Uma maneira de contemplar a cidade de outro ângulo é a navegação pela Baía de Guajará. A empresa Rumo Norte Expedições oferece um passeio a bordo de uma luxuosa embarcação, para ver o pôr do sol na Baía. Partindo da Marina, em Belém, é possível ver as antigas construções da orla. O passeio dura cerca de três horas, atravessando as águas tranquilas da Baía e a foz dos rios Guamá, Acará e Bujaru. As embarcações típicas da Amazônia cruzando os rios, o contato com a natureza das ilhas, com revoadas de pássaros e o espetáculo do pôr do sol na Amazônia valem a viagem.

ILHA DE MARAJÓ

De Belém, é possível seguir de balsa até a exótica Ilha de Marajó. A nuvem vermelha contrasta com o azul do céu e instiga a imaginação. De longe, é difícil saber o que é ao certo, mas a sensação de encantamento é imediata. Ao nos aproximar, reconhecemos a revoada de centenas de pássaros de uma coloração intensa, escarlate. O voo dos guarás-vermelhos é tido como um dos mais lindos do mundo e salta aos olhos dos viajantes que visitam Marajó. A riqueza natural dessa região equatorial, entretanto, não se resume a esse espetáculo. Tucanos raros de colorações extravagantes, colhereiros, garças-azuis

PESCADO

Nas feiras da região, é possível entender um pouco mais sobre a cultura e economia local e, principalmente, sobre os variados e abundantes peixes da Amazônia



FAZENDA DE BÚFALOS
Uma boa maneira de vivenciar a cultura marajoara, é visitar uma fazenda de búfalos, símbolo maior da Ilha de Marajó

Cores, aromas e pessoas fazem desse lugar apinhado e de cheiro forte, o símbolo da cultura local, onde passado e presente se entremeiam, exprimindo a essência cultural do estado

e outros animais selvagens espalham-se pelo maior arquipélago fluviomarinho do mundo. A paisagem exótica mistura a Floresta Amazônica com centenas de rios e igarapés que, atingidos pelas águas do oceano, compõem grandes áreas inundadas de manguezais impenetráveis, matas e praias de areias brancas banhadas por águas verdes e translúcidas. Na parte leste, encontramos uma grande planície alagada, como no Pantanal, e milhares de búfalos espalhados nos charcos e nos banhados das ilhas. Esses cenários aliados às marcas deixadas pela cultura de uma avançada civilização pré-colombiana, ainda evidente nos traços da cerâmica marajoara, deixam qualquer viajante incrédulo diante de tanta diversidade e beleza. Com uma área aproximada de 40 mil km² e uma população de cerca de 250 mil habitantes, Marajó possui, além de centenas de comunidades ribeirinhas mais isoladas, 12 municípios. As principais cidades são Soure e Salvaterra. Soure, que é considerada a “capital” da Ilha, tem infraestrutura para receber turistas com as mais diversas expectativas. Praias de

areias brancas, cheias de coqueiros, contrastam com as águas verdes do mar. Áreas imensas de mangues garantem fauna farta e vegetação exótica. As praias de Barra Velha e Pesqueiro são as mais conhecidas.

FAZENDAS DE BÚFALOS

Uma maneira muito original de mergulhar na cultura marajoara é conhecer as tradicionais fazendas de búfalos, símbolos do lugar. A população desses animais é maior que o número de habitantes da ilha e sua carne é um dos pratos típicos locais. As propriedades alternam a atividade agropecuária com o turismo ecológico, recebendo viajantes em busca de uma experiência singular nos campos da região. Mais isoladas, ainda resguardam verdadeiros santuários ecológicos e podem ser uma boa opção para o avistamento de aves exóticas, além de atividades como passeios de barco pelos igarapés, pesca de piranhas, focagem de jacarés e trilhas ecológicas pelas matas e »capões de floresta.



A GUEPARDO POSSUI PRODUTOS PARA AS MAIS DIVERSAS AVENTURAS NAS MELHORES LOJAS DO PAÍS.



Barraca Zeus 5p
BC0500



Mochila Vancouver 45
MA4500



Carregador Solar Portátil Pocket
AS0200



Canivete Titanium
CA0900



Binóculo BNU64 12x32
OC0200



Sensor climático de pulso
Eletronic Adventure
OE0100



Bastão para caminhada
de alumínio
AB0100



Mini Fogareiro Portátil
Inox
UA0300



LIGUE PARA
0800.646.5687
e saiba onde encontrar
nossa linha de produtos.



CANOAGEM
Banhada pelo Rio Amazonas e pelo Oceano Atlântico, a Ilha de Marajó propicia cenários perfeitos para boas remadas em rios, igarapés e mangues, em recantos preservados da selva amazônica. Há roteiros estruturados para todos os gostos, desde os mais curtos de duas horas, até ousadas expedições, como a travessia de 14 dias de sul a norte, cortando toda a Ilha

A Fazenda Sanjo, que fica a cerca de uma hora de Soure, é um bom exemplo disso. Lá, o viajante pode vivenciar, além das atividades de ecoturismo, o dia a dia no campo, com cavalgadas pelas planícies, acompanhando o manejo das manadas dos búfalos nos campos alagadiços. A doma dos animais também desperta o interesse de alguns turistas. A culinária marajoara, com pratos típicos da região, agrega sabores e ótimas vivências culturais à visita.

Para quem quer viver uma experiência mais selvagem, é possível conhecer as Ilhas Mexianas, na foz do Rio Amazonas, porém o acesso é de avião e a única hospedagem é no Marajó Eco Resort, que oferece o traslado a partir de Belém. A Ilha é procurada, em determinada época do ano, por turistas que querem presenciar o fenômeno da “pororoca”, que é o encontro das águas do Amazonas com o mar, em um espetáculo natural singular.

O município de Salvaterra, separado de Soure pelo Rio Paracauari também está no circuito turístico. Em Joanes, pequena vila de pescadores, podemos ver as marcas da colonização da ilha, através das ruínas de uma igreja jesuíta, erguida no século 17. Ali, ainda encontramos

a Praia de Joanes, uma das mais belas da Ilha. Salvaterra também possui boas pousadas e restaurantes, além de belas praias ao longo da baía e divide com Soure o *status* de cidade turística. Outro município menos conhecido, mas que vale ser lembrado é Cachoeira do Arari. Lá, encontramos o Museu Histórico de Marajó, que possui peças arqueológicas que trazem a riqueza das civilizações centenárias que ali viveram. Hoje já foi consolidada uma estrada que leva à vila, que está a 70 km de Soure.

A REMO

A Ilha de Marajó é banhada pelo Oceano Atlântico ao norte e pelo Rio Amazonas e seus afluentes em toda sua extensão, possui 12 vilas em meio às matas, rios, campos, mangues e igarapés, formando um cenário perfeito para quem pretende desvendar um pedaço quase intacto da selva amazônica, com inúmeras espécies de mamíferos, peixes, plantas e anfíbios. Para explorar tais paisagens, nada melhor do que deslizar rio abaixo em silêncio, impelido por sua própria força, em uma embarcação que dá acesso a lugares inéditos e exóticos. Para os interessados em boas remadas na região, a agência “Rumo Norte” oferece diversos passeios em caiaques oceânicos, com >>>



FAUNA
Aves exóticas espalham-se pelas selvas impenetráveis e milhares de canais da Ilha de Marajó, compõem uma biodiversidade única no mundo

opções para todos os gostos e tipos de preparo físico, desde passeios mais curtos de cerca de quatro horas, até travessias de três dias pela Ilha.

RIO URUCI

Um dos passeios é pelo Rio Uruci, adentrando áreas de florestas virgens, alagados e manguezais. O passeio começa no farol de sinalização marítima, adentrando a Reserva Extrativista Marinha de Soure. A rica vida selvagem pode ser contemplada no percurso de duas horas: centenas de aves como guarás-vermelhos, garças-brancas, maguaris, tuiuius e outras espécies ornamentam o passeio. Macacos-de-cheiro, guaribas e outros mamíferos também podem ser avistados nas margens e copas de

árvores. Com alguma sorte, é possível remar por entre botos que entram pela baía de Marajó.

COMUNIDADES MANGUEIRAS

Uma travessia de três dias em 65 km leva ao centro-leste da Ilha, banhado pelo Rio Paracuary e seus afluentes, caracterizado por manguezais, campos de terra firme e inundáveis, florestas de igapó e comunidades semi-isoladas remanescentes de escravos que trabalharam nas fazendas da região nos séculos 17 e 18. As remadas de duas a quatro horas por dia contam com guias experientes que, além de garantir a segurança na água, também preparam deliciosas refeições nos acampamentos, uma autêntica aventura pelas comunidades ribeirinhas amazônicas. Um dos destaques da expedição, além das paisagens exuberantes, é a vivência com os locais, coleta de frutos da floresta, pesca etc. Apesar do esforço moderado, a travessia não exige remada prévia.

TRAVESSIA SUL A NORTE

Já foi estruturada também na Ilha uma ousada travessia de sul a norte: 350 km de muito visual e adrenalina durante 14 dias de viagem. A travessia, organizada pela Rumo Norte Expedições, é uma expedição desafiadora para os entusiastas das intensas experiências ao ar livre, exigindo preparo e gosto pela aventura. Um dos pontos altos do roteiro é a chegada até a Ilha de Mexiana, um paraíso intocado, onde o Rio Amazonas deságua no Atlântico. Localizada no extremo norte do estado, a Ilha é atravessada pela Linha do Equador, o marco zero que divide os hemisférios do planeta. Incluindo trechos de mar aberto, com direito a ondas turbulentas, remada contra a corrente e condições climáticas adversas, a recompensa da travessia fica por contra da incrível conexão com a natureza, a hospitalidade das populações ribeirinhas, a beleza dos campos alagados e árvores centenárias, a focagem de animais exóticos e a superação diária de desafios.

CRUZEIRO FLUVIAL

Para quem dispensa o esforço físico de longas remadas, mas não abre mão da possibilidade de desvendar paisagens exclusivas, uma ótima opção é o cruzeiro fluvial de três dias pela Ilha, explorando suas praias desertas, infundáveis manguezais, campos e toda a natureza do entorno. A proposta é navegar a bordo do Jhana Trawler 46 pela foz do Amazonas. O roteiro inclui paradas em praias desertas, passeios curtos de caiaque em uma floresta de mangues e montaria em búfalos pelos campos.

Artesanato, cultura e tradição

“Feito com as mãos, o objeto artesanal conserva, real ou metaforicamente, as impressões digitais de quem o fez. Essas impressões são a assinatura do artista, não um nome, nem uma marca. São antes um sinal: a cicatriz quase apagada que comemora a fraternidade original dos homens. Feito pelas mãos, o objeto artesanal está feito para as mãos: não só podemos ver, como apalpar. A obra de arte nós vemos, mas não tocamos.”

Octávio Paz

Por Marianne Costa

Não viveu a completa experiência de visitar o Pará quem não conheceu o artesanato produzido no local, suas texturas, cores e história. Não digo apenas ver ou levar para casa um cesto de palha de tucumã ou uma cuia tingida e grafada, mas realmente tomar conhecimento da história das mãos por trás destes trabalhos.

Mal divulgado no contexto turístico da região de Santarém, o trabalho e origem do artesanato santareno de tradição é pouco conhecido até mesmo pelos moradores locais. Os produtos mais característicos oriundos das comunidades ribeirinhas do Alto Tapajós e Baixo Amazonas são, respec-

tivamente, a cestaria de palha de tucumã, com suas diversas releituras, e as cuias pintadas. Em ambos os produtos, a origem é resgatada através da miscigenação de costumes dos índios, portugueses colonizadores e, já no século 20, migrantes nordestinos que foram para a Amazônia em busca de melhores condições de vida. Em geral, as peças se originam de utensílios domésticos, que ganharam atributos como estética, qualidade e cor. É o caso das cuias, que ainda são muito utilizadas para tomar banho, beber água e comer o famoso e nativo prato, o tacacá.

Os artesãos, apesar da pequena receita extraída da comercialização, estão organizados em associações formais, que permitem a eles otimizar o processo produtivo, distribuir as responsabilidades e, mais do que isso, as decisões e os resultados alcançados.

É muito interessante notar que, mesmo distantes do bombardeio de informações diárias que recebemos sobre a importância de ser sustentável e preservar o meio ambiente (a maioria destas comunidades não possui luz, água encanada, que dirá tratamento de resíduos!), alguns destes grupos já adotam técnicas de manejo e mínimo impacto ambiental, seja na extração da matéria-prima, seja no tingimento das peças com pigmentos naturais. Eles sabem que se não preservarem sua principal fonte de sobrevivência, não haverá continuidade. Sinal de que não precisamos de tanto para saber como devemos agir perante a “mãe natureza”.



COMO CHEGAR

Para chegar a Marajó, a partir de Belém, é preciso tomar uma balsa no terminal hidroviário na região portuária da cidade. A viagem leva cerca de três horas até o porto de Salvaterra, e de lá saem vans para o centro de Salvaterra, Soure e Cacheira do Arari. Para quem quiser mais comodidade, existem voos regulares que também fazem esse percurso. De janeiro a junho, o volume de chuvas é intenso e dois terços da ilha ficam embalado d'água, fazendo das planícies alagadas uma paisagem instigante. Na outra metade do ano, as chuvas cessam, a fauna pode ser

avistada mais facilmente e o tempo quente – que atinge facilmente os 40 graus – e as águas límpidas do oceano são um convite irrecusável às praias da Ilha.

BALSA

Porto de Icoaraci (Belém) - Camará (Marajó)

Diariamente às 6h30

Obs.: No mês de julho e feriados há horários extras

Camará (Marajó) - Porto de Icoaraci (Belém)

Diariamente às 16h (aos domingos também às 17h)

TURISMO COMUNITÁRIO

Projeto Saúde e Alegria

Turismo comunitário pelas comunidades da Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns. www.saudeealegria.org.br (93) 3067-8000
Ver matéria na página 148



OPERADORAS

Travel in Turismo

Atuando há 18 anos com receptivo, propicia passeios, atividades de aventura, traslados e hospedagem em roteiros completos nos principais destinos do Pará como Marajó e Alter do Chão. www.travelin.com.br (91) 4006-1700

Av. Serzedêlo Corrêa, 895, casa 59, 2º piso, Belém. www.rumonorte.tur.br (91) 3225-5915

Santarém Tur

www.santaremtur.com.br (93) 3522-4847

Freeway

Pacotes a partir de São Paulo incluindo passagens, hospedagem, traslados e atividades em Belém e Marajó. www.freeway.tur.br (11) 5088-0999

Rumo Norte Expedições

Oferece atividades de aventura, como caminhadas, caiaque turismo/oceânico, canoa havaiana e cicloturismo, com bastante interação com a natureza Amazônica Paraense.

ONDE FICAR

SANTARÉM

Barrudada Tropical Hotel

Amplio, confortável e com ótima área de lazer. Rua Mendonça Furtado, 4120 - Liberdade www.barrudadatropicalhotel.com.br (93) 3222-2200

ALTER DO CHÃO

Hotel Mirante da Ilha

Em frente à orla da Ilha do Amor Travessa Francisco Correa, 115 www.mirantehotel.com (93) 3067-7100

BELÉM

Hotel Regente

No centro de Belém, próximo aos principais pontos turísticos da cidade, com apartamentos amplos e confortáveis. Av. Gov. José Malcher, 485 - Belém www.hotelregente.com.br (91) 3181-5005

ILHA DE MARAJÓ

Paracauary Eco Pousada

Possui uma localização privilegiada em uma área verde de 80.000 m² e um ambiente simples, mas acolhedor, à margem do Rio Paracauary Cidade de Soure - Ilha de Marajó www.paracauary.com.br (91) 3225-5915

Fazenda Sangel

É uma tradicional fazenda da Ilha de Marajó, onde a principal atividade é a criação de búfalos e de cavalos marajoaras. Possui bons quartos e suítes, gastronomia típica, passeios, trilhas e cavalgadas, além de varandas amplas para se aproveitar a vista da exuberância amazônica. Fica a 35 km da cidade de Soure, às margens do Igarapé São Sebastião, afluente do Rio Paracauary. www.sanjo.tur.br (91) 3228-1385

Hotel Ilha do Marajó

Localizado na cidade de Soure, é um dos mais estruturados da Ilha de Marajó, oferecendo também roteiros turísticos Av. Segunda, 10 - Matinha - Soure www.iaraturismo.com.br (91) 4006-3852

ONDE COMER

SANTARÉM

Casa do Saulo Restaurante

O espaço é extremamente agradável, com uma singular vista, praia, quiosque e piscina. O cardápio inclui pratos deliciosos com os mais saborosos peixes da Amazônia. (93) 9142-1067

Praia Carapanari, km 7,5 - Comunidade de São Francisco, Estrada do Aeroporto, com entrada na praia da Comunidade de São Francisco



•Emocionantes aventuras no interior de São Paulo.

•Pacotes fechados para academias e empresas.

•Oficina especializada. -Cursos de mecânica.

•Total Bike, campeã Brasileira e do Interestadual XC 2011. Ricardo Xavier.



WWW.TOTALBIKE.COM.BR

Total Bike Santo Amaro
Rua São Sebastião,
454 Santo amaro
(11) 5183-9499



Siga-nos em nossas redes sociais.



Total Bike Paraíso
Rua Cubatão, 631
Paraíso
(11) 5539-3530